

## O CORPO EM CONTEXTO

BERTA NUNES

CENTRO DE SAÚDE DE ALFÂNDEGA DA FÉ

O corpo na medicina Ocidental é um corpo descontextualizado isolado, fechado em si mesmo, individual, e dividido entre o corpo físico e psique. O primeiro (corpo físico) é conceptualizado como uma máquina em que qualquer órgão pode ser reparado, substituído/transplantado, dependendo do avanço tecnológico, de forma a repor o bom funcionamento do corpo.

A psique, inclui aspectos psicológicos que no modelo biomédico são secundarizados em relação aos orgânicos, podendo mesmo dizer-se que a doença mental é muitas vezes olhada como não sendo uma verdadeira doença ou como um estigma, que pode ser factor de exclusão social do doente.

Neste modelo, os aspectos sociais do funcionamento do corpo não são sequer tidos em consideração, daí a primeira afirmação de que no modelo biomédico o corpo é algo de individual e descontextualizado.

Cecil Helman (1) fala em relação a este último aspecto de um ego, "encapsulado na pele" comum na cultura ocidental e contrapõe este conceito ao que se encontra nas culturas em que o grupo é considerado mais importante que o indivíduo e em que os limites do corpo podem incluir membros da família, clã, aldeia e às vezes mesmo os animais domésticos, a casa ou um pedaço de terra dos antepassados.

Nessas sociedades e culturas, o corpo não pertence ao indivíduo, mas à sociedade, cabendo ao indivíduo o dever de o preservar de forma a cumprir a sua função social de reprodução no seu sentido mais lato.

Na cultura por mim estudada (Berta Nunes 1997(2)) os idosos dizem constantemente "tomara que Deus me levasse, já não ando cá a fazer nada..." Cumprida a sua função social já não faz sentido continuar a manter-se vivo. No entanto o

suicídio está fora de causa já que “o corpo pertence a Deus...” segundo os mesmos idosos.

Este segundo conceito de corpo, comum nas culturas rurais da Europa já descrito por André Breton (3) foi por mim estudado em pormenor na aldeia de Vales (concelho de Alfândega da Fé).

Na cultura rural estudada o corpo não está isolado, “encapsulado na pele”, mas é um corpo “aberto” às influências cósmicas, espirituais, psicológicas e sociais que são todas importantes na explicação do funcionamento ou disfuncionamento desse corpo.

Embora os camponeses também considerem o corpo como “uma máquina” que é preciso manter em bom funcionamento por uma alimentação adequada e hábitos de vida regrados, também incluem na explicação do funcionamento do corpo os elementos atrás citados, sendo o corpo no mundo rural um corpo em contacto com o cosmos, a natureza, a comunidade e o mundo dos antepassados.

Um corpo em contacto com o cosmos e a natureza... o corpo age sobre a natureza pelo que uma mulher menstruada não deve mexer no fumeiro e em certos alimentos porque eles podem estragar-se.

O cosmos e a natureza agem sobre o corpo... uma mulher anda grávida “nove luas” desde a concepção ao parto, sendo a concepção determinada pelas fases da lua.

O calor e a humidade excessivos podem ser causa de muitas doenças como reumatismos, constipações, pneumonias (sendo estas últimas por vezes descritas como “frio concentrado”).

Existem lugares perigosos para as pessoas como as encruzilhadas e as clareiras e lugares benéficos e “águas santas”. Estes são alguns exemplos do conceito de corpo em contacto com a natureza encontrados na cultura rural estudada.

Nesta comunidade o corpo pode ser também vítima de “forças sociais”. A “bruxaria” é normalmente fruto da inveja de um vizinho que tem o poder de fazer mal, ou procura quem o tenha, de forma a causar infortúnios e doenças na pessoa, sua família ou seus haveres. O mau olhar ou mal de inveja tem a mesma causa e pode ter consequências semelhantes. Desta forma tensões sociais podem-se traduzir em doenças ou desgraças e para se protegerem as pessoas devem evitar o contacto e todo o tipo de comunicação com as pessoas suspeitas (“não se deve responder a uma bruxa que nos interpela”; “não se deve deixá-las tocar nas crianças”; “deve-se evitar cruzar o olhar com a pessoa capaz de lançar o mau-olhado”) — estas são algumas das recomendações para se subtrair às forças sociais perigosas que podem trazer doenças e todo o tipo de desgraças a quem não se proteger.

Assim este “corpo” está ligado à comunidade a que pertence e está no centro de um campo de forças que um gesto, um olhar, uma palavra podem desencadear, e das quais é necessário proteger-se.

O corpo da cultura rural estudada é também um corpo solidário com as emoções. Emoções fortes com o medo (susto) a raiva, a cólera e a tristeza intensa

(paixão) podem ser causa de doenças ou contribuir para o seu agravamento. Paradigmático a este respeito é a história de uma mulher que “tinha um bolo (nódulo) no peito”. A mulher segundo contam andou com “aquilo” muito tempo e nunca teve problemas, até ao dia em que foi a lavar para o tanque e veio uma grande trovoadas. “Os relincos (relâmpagos) e trovões eram tantos que ela se afadigou (assustou) e aquilo começou a dar-lhe guerra”. O nódulo do peito começou a aumentar e a doer e disso morreu a mulher.

Assim o susto, que apanhou com a trovoadas, foi a causa do desenvolvimento da sua doença que a levou à morte.

Muitas histórias contadas pelas pessoas da aldeia ilustram a influência directa e forte das emoções no estado (funcional ou disfuncional) do corpo e as emoções são exprimidas mais facilmente através de sintomas físicos (soma-tização) do que através de um discurso racional e introspectivo (racionalizado) que raramente encontramos na comunidade estudada.

Este corpo está ligado ao mundo dos antepassados e o seu estado pode ser modificado pelos espíritos dos mortos que têm a capacidade de entrar no corpo dos vivos.

As “almas do outro mundo” entram no corpo das pessoas mais facilmente em períodos particularmente vulneráveis e por qualquer orifício (boca, vagina e uretra são os mais frequentemente citados).

No caso das mulheres a menstruação e o parto são os momentos mais perigosos e por isso uma mulher neste estado tem de tomar precauções e uma delas é não passar perto do cemitério e evitar ir a funerais. Se o fizer pode ser presa fácil para um espírito desses que erram pelo mundo, porque tendo deixado “qualquer coisa por fazer” em vida precisam de alguém que faça isso por eles.

A pessoa que tem uma alma “encostada” ou que entrou no corpo deve ir a um sábio (também chamado homem ou mulher de virtude) que fará falar a alma, que assim dirá o que pretende. A vítima terá de fazer o que lhe é pedido para que a alma possa ir para “bom lugar” e assim deixe a pessoa em paz. Para se proteger de novo episódio semelhante é necessário novamente recorrer a um sábio para “fechar o corpo” e o tornar menos vulnerável aos espíritos.

O Baptismo e o Crisma (2.º baptismo) também protegem o corpo dos espíritos que embora invisíveis “são tão espessos no ar como os mosquitos”.

As crianças antes do baptismo não devem passar perto da Igreja (onde dantes se enterravam os mortos) nem do cemitério, porque “podem apanhar um ar de terra ou um ar de defunto” e adoecerem ou morrerem. Pessoas a quem faltaram palavras no baptismo (porque o padre se esqueceu de as pronunciar) são particularmente vulneráveis aos espíritos, ficando sempre com um “axe” (ponto fraco).

O corpo é assim, o lugar de construção de crenças e símbolos. A cultura onde se cresce ensina a olhar esse corpo de uma forma particular, ensinando como perceber e interpretar as transformações do corpo ao longo da vida.

A imagem corporal é pois algo adquirido pelo indivíduo como parte de uma família, uma sociedade e uma cultura.

No entanto numa sociedade podem existir crenças e saberes heterogêneos sobre o corpo, existindo o saber dos leigos e os saberes e discursos mais ou menos especializados sobre o mesmo.

Na cultura estudada (2) os pastores que por força da sua profissão têm de "compor" as ovelhas e cabras quando partem os ossos tornam-se muitas vezes os endireitas das aldeias.

São as mulheres, geralmente, que se especializam em "compor o desmanchado", uma doença que afecta as crianças e que se traduz por vômitos e anorexia.

As mulheres que já tinham tido vários filhos, tornavam-se frequentemente as parteiras da aldeia, há 50 anos atrás, em que os partos aconteciam em casa e só havia um médico para todo o concelho, que andava "a cavalo numa besta".

Os homens e mulheres de virtude que adivinham as causas das doenças e fazem falar as almas do outro mundo possuem um dos saberes mais valorizado sobre o corpo, resolvendo muitos problemas, orientando e aconselhando os que os procuram em horas de aflição.

Existe pois um saber pragmático, construído a partir da experiência (no caso dos endireitas, parteiras, mulheres que compõem o desmanchado, etc.) e um saber revelado no caso dos homens e mulheres de virtude, que sabem e curam, não por si próprios mas no cumprimento de um chamamento. O saber pragmático não especializado sobre o corpo, o saber dos leigos, vem em grande parte do conhecimento do corpo dos animais que criam e matam para comer, como o porco, as ovelhas e as cabras. Há mesmo um ditado popular que diz "mata o teu porco, conhece o teu corpo". Esse saber vem também da observação do funcionamento do próprio corpo humano.

Nesta comunidade o conhecimento do corpo humano é pois razoavelmente claro no que diz respeito aos órgãos e funções directamente observáveis ou deduzíveis do que se conhece da anatomia e fisiologia animal, ou da observação do próprio corpo humano.

As ideias sobre a fecundação são a este título ilustrativas.

Embora as mulheres sejam normalmente responsabilizadas quando acontece um caso de infertilidade, conhece-se o contributo do homem para a fecundação, desconhecendo-se no entanto a ovulação. Considera-se que o sangue é o princípio fecundante feminino porque "uma mulher que não é menstruada não consegue engravidar" e pensa-se em consequência que as mulheres que têm uma menstruação abundante são mais férteis e que se engravida "ao ir ou ao vir a menstruação" ou "durante a menstruação".

Assim para que haja fecundação existem dois elementos necessários, o líquido claro que sai do homem (esperma) e o sangue que sai da mulher. Este é um conhecimento construído de uma forma racional a partir do que se pode observar, sem

recurso a uma tecnologia mais avançada que só no Sec. xx veio a descobrir a existência dos óvulos e a sua função central na fecundação.

O conhecimento cultural sobre o corpo é pois uma mistura de factos e de símbolos, que só podem ser entendidos no contexto da cultura em que se integram e pelo conhecimento da relação do corpo com tudo o que o rodeia. Daí este conceito de corpo complexo e holístico que se contrapõe ao conceito reducionista da teoria biomédica a quem o corpo só interessa como objecto de manipulação e conhecimento.

## **Bibliografia**

- (1) Helman Cecil, (1985) 1994, *Culture, Health na Illness*, Butterworth Heinman.
- (2) Nunes Berta, 1997, *O Saber Médico do Povo*, Editora Fim de Século.
- (3) Le Breton, A., 1990, *Anthropologie du Corps e Modernité*, PUF.